

SANTO AGOSTINHO E PLATÃO: CRÍTICAS À POESIA

Saint Agostine and Plato: critical to poetry

Alessandro Martins Gomes¹

Resumo

Este artigo faz uma análise das críticas que santo Agostinho e Platão teceram à poesia e à literatura de forma geral. Aborda primeiramente uma explicação sobre gêneros literários e sua importância para o estudo da literatura. Depois, faz-se uma explanação mais específica do gênero poesia na antiguidade, principalmente a partir da *Poética* de Aristóteles. Após isso, são analisadas as críticas de Santo Agostinho à poesia, e finalmente as críticas que Platão teorizou sobre poesia. O artigo conclui que Santo Agostinho constatou que as artes e o teatro criam uma realidade virtual falsa, levando os homens a agirem de forma inapropriada. Platão também critica as artes, dizendo que todas são cópias do mundo sensível, e que este já uma cópia do mundo real. Então as artes são cópia de cópia, sendo um tipo desprezível de conhecimento.

Palavras-chave: Gêneros Literários. Poesia. Santo Agostinho. Platão.

Abstract

This article analyzes the criticism that St. Augustine and Plato wove poetry and literature in general. Primarily addresses an explanation of literary genres and their importance to the study of literature. Then it is a more specific explanation of the poetry genre in antiquity, mainly from Aristotle's *Poetics*. After that, we analyze the criticism of St. Augustine to poetry, and finally the criticism that Plato theorized about poetry. The article concludes that St. Augustine found that arts and theater create a false virtual reality, leading men to act inappropriately. Plato criticizes the arts, saying that all are copies of the sensible world, and that this has a copy of the real world. So the arts are backup copy, being a despicable kind of knowledge.

Keywords: Literary Genres. Poetry. St. Augustine. Plato.

¹ Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de Barra Mansa – UBM, em Teologia pela Faculdade de Teologia Seminário Unido – FTSU, com convalidação pela Faculdades EST e em História pela Estácio de Sá. Especialista em Ensino de História e Geografia pela Uninter, em História do Brasil pela UCAM e em História Antiga e Medieval na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. Mestre em Teologia pela Faculdade EST. Discente do curso de Pós-graduação *Latu Sensu* em Responsabilidade Civil e Direito do Consumidor pela Universidade Estácio de Sá, do curso de Pós-graduação *Latu Sensu* em Planejamento, Implementação e Gestão do Ead pela UFF, do Mestrado em História do Império Português na Universidade Nova de Lisboa/Portugal e do curso de Doutorado em Estudos Clássicos pela Universidade de Coimbra/Portugal.
E-mail: alessandromartinsgomes@hotmail.com

Considerações Iniciais

A finalidade deste trabalho é contribuir para a conscientização sobre a arte poética na Antiguidade Clássica e a visão de alguns dos mais importantes filósofos – Platão e Santo Agostinho – sobre essa modalidade literária.

Este trabalho teve como questão central as seguintes indagações: A concepção de poesia da antiguidade mudou nos dias de hoje? A poesia sempre foi bem vista na sociedade? Ela recebia críticas?

Estas questões nos fornecem um panorama para entender melhor como a poesia era vista na antiguidade, e como foram as críticas de Platão e Santo Agostinho à essa modalidade da literatura.

Afinal, todos já ouvimos falar em poesia, mas apesar disso, pensamos que poesia é somente aqueles textos com linguagens rebuscadas e rimas bem feitas, textos que falam de amor e romance, e textos com palavras difíceis.

Na realidade, a ideia de poesia mudou bastante, sofreu transformações da Antiguidade para a Idade Média, após o renascimento revitalizam-se espécies antigas, na época romântica abre-se uma ideia de criatividade e mais liberdade, e, a partir do Modernismo esse sentido toma continuidade.

Com isso, vamos ver também as severas críticas que Platão e Santo Agostinho tecem à poesia, ao teatro e à literatura de forma geral.

O objetivo principal desta pesquisa é investigar essas críticas feitas ao gênero poético na antiguidade, principalmente por Santo Agostinho e Platão.

Gêneros Literários

A classificação da literatura em gêneros desempenha um papel muito importante na nossa prática cotidiana de leitura. Ela se manifesta tanto na forma material dos livros que encontramos nas livrarias e nas bibliotecas quanto na forma imaterial através dos preconceitos que motivam nossas preferências de leitura.

A manifestação material da classificação da literatura em gêneros se dá através da presença dos paratextos editoriais, que acompanham o texto literário na sua forma de livro publicado, resumindo, são as informações auxiliares que acompanham um material publicado, pois, além de seu título e do nome do autor, há ainda, na contracapa e nas

primeiras páginas, sumário e sua sinopse, ilustrações e eventualmente até um prefácio, que constitui uma introdução ao conteúdo da obra.

A manifestação imaterial da classificação da literatura em gêneros se dá através da influência do horizonte de expectativa, a qual é composta por nossa própria prática da leitura, auxiliada sem dúvida também pela escola, criando em nós uma preparação e uma espera com relação aos livros pertencentes a diversos gêneros, através do nosso próprio conhecimento de mundo, com informações adquiridas sobre cada gênero.

O que conhecemos por literatura é na realidade uma enorme diversidade de tipos de obras diferentes: romances, epopeias, contos, novelas, tragédias, comédias, sonetos, dramas, ensaios, poemas e muitas outras produções.

A classificação desse universo de obras propõe apreender esse universo de forma organizada, por isso a classificação agrupa obras literárias que possuem em comum características relevantes. A classificação consiste, assim, na divisão do universo da literatura em unidades nomeáveis e teoricamente apreensíveis.

Essa classificação é feita em gêneros, e é preciso também entender o hibridismo existente entre esses gêneros, pois existem obras que possuem características de mais de um gênero, mas são classificadas com um nome apenas.

A questão da divisão da literatura em gêneros é um problema discutido há muito nos estudos literários, o próprio Platão já havia postulado sobre isso:

"(...) falarei em prosa, pois não sou poeta (...) há uma espécie de ficções poéticas que se desenvolvem inteiramente por imitações; neste grupo entram a tragédia (...) e a comédia. Há também o estilo oposto, em que o poeta é o único a falar; o melhor exemplo desse estilo é o ditirambo. E, por fim, a combinação de ambos pode ser encontrada na epopeia e em outros gêneros de poesia"².

Nesse trecho fica evidente que o filósofo já fazia distinções entre gêneros literários.

A classificação da literatura em gêneros, como toda classificação, é feita a partir de determinados critérios. Como na atualidade, geralmente se admitem duas classificações para os gêneros literários, isto significa que podem ser tomados dois critérios distintos como base para a determinação do gênero a que pertence uma obra.

O primeiro critério é baseado no fator ritmo, que é a repetição de certos elementos a intervalos mais ou menos regulares, permite a divisão do universo da produção literária em dois gêneros, prosa e poesia; na poesia essa regularidade das repetições é bem marcante

² PLATÃO, A República. 7ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995, p. 72-73.

e na prosa o ritmo é pouco notado ou um elemento neutro. Na poesia, a construção do ritmo ganha um relevo especial, constituindo-se em elemento-chave da feição artística do texto. A estrutura em versos e com sílabas métricas pode contribuir para enfatizar o ritmo.

O outro critério baseia-se no fator história, que permite a divisão em três gêneros, chamados lírico, narrativo e dramático. No gênero dramático temos imitações de diálogos; o lírico o poeta é o único a falar; e temos também aquelas em que se alternam a fala do poeta em seu próprio nome e os diálogos entre os personagens, consistindo, portanto, numa "combinação" das duas possibilidades técnicas anteriormente referidas, chamamos de gênero épico.

Quando você classifica um texto como comédia, você aponta uma determinada direção para o leitor ou ouvinte. Este passa a esperar que o texto o faça rir. Cria-se uma expectativa no leitor, que é, muitas vezes, estereotipada. Uma comédia não vai, obrigatoriamente, despertar o riso em todo e qualquer leitor e não é, por outro lado, todo e qualquer trecho de uma comédia que provocará o riso. Alguns trechos podem fazer o leitor refletir sobre algum fato, sobre a vida, podem até mesmo fazê-lo chorar. Assim, quando determinado texto é classificado como uma comédia, não significa que ele o seja em sua totalidade.

A Poesia como Gênero Literário

A maior parte dos gêneros literários já se encontrava presente, de modo claro ou embrionário, na literatura clássica. Sem dúvida, havia dificuldades e incongruências, como ocorre em toda classificação de caráter generalizante. Assim, se colocamos a filosofia dentro da prosa, não significa que, na antiguidade, não houve textos filosóficos em verso, pois os primeiros filósofos gregos, conhecidos como pré-socráticos escreveram em verso.

Os gêneros literários da Antiguidade se dividiam assim:

Prosa: história, filosofia, retórica, romance, biografia; e, poesia: épica, lírica, poesia didática, sátira e drama (teatro), que se subdividia em tragédia e comédia.

Interessante notar que o teatro antigo não era em prosa, mas sim poesia, o teatro pertencia ao gênero poético.

À Poética, de Aristóteles, escrita no século IV a.C. (entre 335 e 323) se atribui a origem da tripartição genérica da literatura e também a primeira reflexão sistemática sobre

a natureza, a classificação, a construção e os efeitos da “poesia”, ou seja, da “arte da composição poética”.

Dentre os gêneros antigos que formam a primeira tripartição, o gênero trágico é o mais valorizado. Aristóteles dedica-lhe uma atenção especial em sua Poética, descrevendo-o como imitação de ações efetuadas por homens superiores, feita por meio dos atores agindo e insistindo na necessidade do rigor do arranjo das ações.

Ainda em Poética, aparecem três noções inseparáveis da teoria da tragédia: a *hybris*; a *hamartia*, graças às quais a culpa trágica é associada à ideia do excesso e de uma falha do juízo, e não a um defeito moral; e a *catarse*, que descreve o efeito da tragédia, a purificação da pena e do temor possibilitada pela compreensão.

A tragédia surgiu no contexto do culto do deus da vinha e da embriaguez, Dioniso, marcado pelo excesso e, com isso, apontando para a dimensão limitada da racionalidade humana. Em sua concepção moderna, o trágico funciona como uma visão do mundo.

Santo Agostinho e a crítica à poesia

A cultura clássica fez parte da formação de Santo Agostinho, não se tem certeza de sua língua materna, porém se sabe que ele cresceu na cultura latina, aprendendo o latim desde cedo, embora fosse africano.

Ele não era apreciador dos estudos, e era castigado por isso³:

Ó meu Deus, meu Deus! Que de misérias e enganos não experimentei então, quando se me propunha, em criança, como norma de bem viver, obedecer os mestres que me instigavam a brilhar neste mundo, e me ilustrar nas artes da língua, fiel instrumento para obter honras humanas e satisfazer a cobiça! Mudaram-me à escola, para que aprendesse as letras, nas quais eu, miserável, desconhecia o que havia de útil. Contudo, se era preguiçoso para aprendê-las, era fustigado, num sistema louvado pelos mais velhos; muitos deles, que levavam esse gênero de vida antes de nós, nos traçaram caminhos tão dolorosos pelos quais éramos obrigados a caminhar, multiplicando assim o trabalho e a dor aos filhos de Adão.

Quando ainda era criança, também estudava o grego, mas com desdém e angústia, pois amava o latim, a língua latina e sua literatura. No começo, o estudo do latim foi difícil, porém adquiriu muito conhecimento buscando sozinho, lendo e escrevendo⁴:

³ SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. I, 9. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 43.

⁴ SANTO AGOSTINHO, I, 13, p. 47.

Porque odiava eu as letras gregas, que me ensinavam quando eu era criança? Não o sei, e nem agora o posso explicar. Em compensação, as letras latinas me apaixonavam, não as ensinadas pelos professores primários, mas a que é explicada pelos chamados gramáticos, porque aquelas primeiras, com as quais se aprende a ler, a escrever e a contar, não me foram menos pesadas e insuportáveis que as gregas. Mas donde podia proceder essa aversão, senão do pecado e da vaidade da vida, porque eu era carne e vento que caminha e não volta? Aquelas primeiras letras, pelas quais podia, como ainda faço, chegar e ler tudo o que há escrito e a escrever tudo o que quero, eram melhores e mais úteis que aquelas outras nas quais me obrigavam a decorar os erros de um tal Enéias, esquecido dos meus, e a chorar a morte de Dido, que se suicidou por amor, enquanto isso, eu, miserabilíssimo, suportava a minha própria morte com olhos enxutos, morrendo para ti, ó meu Deus, minha vida!

Santo Agostinho não se dedicou a estudos filosóficos, sua infância foi voltada basicamente à literatura, na qual se aprende a eloquência, a correta expressão e a forma correta de usar as palavras, para se obter uma boa oratória, como ele mesmo expressou dizendo “[...] aqui se aprendem as palavras; aqui se adquire a eloquência, tão necessária para persuadir e explicar os pensamentos [...]”⁵.

Nesse período a memória era muito valorizada, inclusive esse era o caminho trilhado por Agostinho, para que fosse um orador e mestre das palavras, por isso os alunos precisavam ser capazes de citar de cabeça trechos grandes de autores por eles estudados e serem capaz de falar de improviso.

Esse caminho literário percorrido por Santo Agostinho que o levou ao gosto pela sabedoria, e posteriormente o levou à filosofia.

Essa busca pela filosofia e sua paixão pela sabedoria foram despertadas lendo o diálogo de Cícero, um dos livros de seu programa regular de estudos (SANTO AGOSTINHO, III, 4):

Mas, seguindo o programa usado no ensino desses estudos, cheguei a um livro de Cícero, cuja linguagem, mais do que seu conteúdo, quase todos admiram. Esse livro contém uma exortação à filosofia, e se chama Hortênsio. Esse livro mudou meus sentimentos, e transferiu para ti, Senhor, minhas súplicas, e fez com que mudassem meus votos e desejos. Subitamente, tornou-se vil a meus olhos toda vã esperança, e com incrível ardor de meu coração suspirava pela sabedoria imortal, e comecei a me reerguer para voltar a ti.

Agostinho recebeu de sua mãe ensinamentos cristãos e o amor a Cristo, pois a cultura cristã não estava presente na escola.

⁵ SANTO AGOSTINHO, I, 16, p. 50.

Essa sua busca pela sabedoria não havia lhe preenchido completamente, faltava algo maior, por isso não se prendia totalmente nem mesmo nessas obras que falavam de sabedoria, pois a sabedoria maior não estava ali, que é Cristo.

Isso faz com que busque a leitura das Sagradas Escrituras, porém não teve uma boa impressão de início, achando incomparável sua simplicidade como o estilo de Cícero⁶:

Em vista disso, decidi dedicar-me ao estudo da Sagrada Escritura, para a conhecer. Vi ali algo encoberto para os soberbos e obscuro para as crianças, mas humilde a princípio e sublime à medida que se avança o velado de mistérios; e eu não estava disposto a poder entrar nela, dobrando a cerviz à sua passagem. Contudo, ao fixar nela a atenção, não pensei o que agora estou dizendo, mas simplesmente me pareceu indigna de ser comparada com a majestade dos escritos de Cícero. Meu orgulho recusava sua simplicidade, e minha mente não lhe penetrava o íntimo. Contudo, a agudeza desta visão haveria de crescer com os pequenos; mas eu de nenhum modo queria ser criança e, enfatuado de soberba, considerava-me grande.

Mas depois se dedica aos estudos das Sagradas Escrituras, buscando o conhecimento de Deus e da verdade, comparando sua superioridade perante outros escritos e a importância da humildade diante de suas letras⁷:

Nada disso dizem os livros platônicos. Nem têm naquelas páginas esse sentimento de piedade, as lágrimas da confissão, esse teu sacrifício, a alma abatida, esse coração contrito e humilhado, nem a salvação de teu povo, nem a cidade prometida, nem o penhor do Espírito Santo, nem o cálice de nossa redenção [...]
Ninguém ali ouvi o convite: Vinde a mim os que sofreis. Desdenham teus ensinamentos, porque és manso e humilde de coração. Porque escondeste estas coisas dos sábios e doutos, e as revelaste aos pequeninos.

As críticas de Agostinho à literatura e ao teatro são após sua conversão, um Agostinho cristão, apesar de que em sua infância amava o teatro: “Arrebatavam-me os espetáculos teatrais, cheios das imagens de minhas misérias e de alimento para o fogo de minha paixão.”⁸ O prazer experimentado no teatro alimentava suas paixões, que tinha por sua cultura pagã, apesar dos ensinamentos cristãos.

Porém, suas reflexões sobre o teatro são bem diferentes de sua paixão juvenil pelos espetáculos, pois toda sua vida em busca pela verdade atravessou momentos difíceis, mas o fez chegar ao porto seguro, o que o faz ter uma visão muito mais crítica da vida.

⁶ SANTO AGOSTINHO, III, 5, p. 71.

⁷ SANTO AGOSTINHO, VII, 21, p. 162.

⁸ SANTO AGOSTINHO, III, 2, p. 67.

Isso tudo o faz constatar que as artes e o teatro criam uma realidade virtual, falsa e artificial, tornando uma espécie de fuga para os homens, fugindo de suas realidades e problemas vividos em suas vidas reais, os levando a agirem de forma inapropriada.

Começa então a questionar seus exercícios na infância em declamar, interpretar e dramatizar trechos de obras com a finalidade de despertar a emoção nos ouvintes:

Mas obrigavam-nos a errar seguindo os passos das ficções poéticas, e a repetir em prosa o que o poeta havia dito em verso. Era mais elogiado aquele que, conforme a dignidade da pessoa representada, soubesse pintar com mais vivacidade e semelhança, e revestir com palavras mais apropriadas seus afetos de ira ou de dor. Mas qual o proveito disso – ó vida verdadeira, meu Deus – de que me servia ser aplaudido por minha declamação mais que todos os meus coetâneos e discípulos? Não era tudo aquilo fumo e vento? Acaso não havia outra coisa em que exercitar meu talento e minha língua?⁹

Por isso, Agostinho começa então a questionar a validade da educação que recebera, a qual desprezava questões morais e focalizava questões formais, pois o que se valorizava na época eram homens que falavam bem e com elegância, embora suas atitudes fossem desprezíveis.

Era melhor relatar crimes com belas palavras do que relatar ações boas com erros de linguagem¹⁰:

Olha, meu Senhor e meu Deus, é vê paciente, como costumava ver, de que modo diligente os filhos dos homens observam as regras de ortografia recebidas dos primeiros mestres, e desprezam as leis eternas de salvação perpétua recebidas de ti; de tal modo que, se alguns dos que sabem ou ensinam as regras antigas dos sons pronunciasse a palavra homo, sem aspirar a primeira letra, desagradaria mais aos homens do que se, contra teus preceitos, odiasse a outro homem, sendo este homem.

Como se o homem pudesse ter inimigo mais pernicioso que o ódio com que se irrita contra si mesmo, ou como se pudesse causar a outrem maior dano, perseguindo-o, do que causa a seu próprio coração odiando! Com certeza, não nos é mais íntima a ciência das letras do que a consciência, que manda não fazer a outrem o que não queremos que não nos façam.

Agostinho afirmava que a literatura poderia corromper as pessoas, pois muitos escritores descreviam ações imorais de deuses, tomando-as como modelos a serem seguidos:

Ai de ti, torrente dos hábitos humanos! Quem há que te resista? Quando te secarás? Até quando irás arrastar os filhos de Eva a esse mar imenso e tenebroso, que apenas logram passar os que embarcam sobre o lenho da cruz? Acaso não foi

⁹ SANTO AGOSTINHO, I, 17, p. 51.

¹⁰ SANTO AGOSTINHO, I, 18, p. 51.

em ti que li a fábula de Júpiter que tropeja e adultera? É verdade que não podia fazer tais coisas ao mesmo tempo, mas assim se representou para autorizar a imitação de um verdadeiro adultério com o encantamento de um falso trovão.¹¹

Agostinho tece esse paradoxo, entre a realidade vivida no mundo real e a realidade virtual criada pela literatura, percebendo com espanto a ênfase dada ao mundo irreal, dando-lhe mais importância que a vida real:

Na verdade, que pode haver de mais miserável do que um infeliz que não se compadece de si mesmo e que, chorando a morte de Dido por amor de Enéias, não chora sua própria morte por falta de amor a ti, ó Deus, luz de meu coração, pão interior de minha alma, virtude fecundante de meu pensamento? Não te amava; prevaricava longe de ti, e ouvia de todas as partes: “Muito bem! Muito bem!” – porque a amizade deste mundo é adultério contra ti; e se aclamam a alguém dizendo: “Muito bem! Muito bem!” – é para que este não se envergonhe de ser assim. Eu não chorava estas faltas, chorava a morte de Dido “que se suicidou com a espada”, eu procurava as últimas de tuas criaturas, abandonando-te a ti, como terra que eu era, atraída pela terra. Se então me proibissem a leitura de tais coisas, me afligiriam por não ler aquilo que me comovia até a dor. Não obstante, semelhante loucura é considerada como coisa mais nobre e proveitosa que as letras pelas quais aprendemos a ler e a escrever.¹²

Ele tece a mesma crítica à realidade virtual criada no teatro, assim com na literatura, pois junta diversas emoções em sua encenação, e buscam ali sentimentos que não querem vivenciar na vida real, e tiravam proveito disso, deleitando-se nessa realidade e sentimentos ruins, e se isso não ocorresse, criticavam o autor.

Para Agostinho, isso causava grande dano ao espectador, pois quanto mais ele assiste mais ele se torna imune à fatos semelhantes na vida real, e, com isso, paixões, injustiças, violência e corrupção se tornam cada vez mais comuns e mais naturais na concepção do espectador, levando essa insensibilidade para a vida real, deixando de ter compaixão de pessoas que sofrem, pois no teatro assistem sem nada fazerem.

Platão e a crítica à poesia

Platão nasceu na Grécia e foi um discípulo de Sócrates, e continuador de sua obra, de uma família politicamente importante, e teve parentesco entre seus antepassados o ateniense Sólon.

De início não foi de seu interesse a filosofia, investiu na carreira literária, mas sem muito sucesso, por isso resolveu estudar a filosofia de Sócrates.

¹¹ SANTO AGOSTINHO, I, 16, p. 49.

¹² SANTO AGOSTINHO, I, 13, p. 47.

Dentre seus diálogos, o que mais resumiu sua teoria das ideias foi *Timeu*, estabelecendo a diferença entre o mundo sensível e o mundo das ideias, onde afirma que o mundo verdadeiro é o mundo das ideias – mundo real, e o mundo sensível é o que vivemos, o qual é uma cópia do real.

Nesse mesmo sentido, critica as artes, dizendo que todas são uma cópia do mundo sensível, que por si só já é cópia, sendo então as artes a cópia de uma cópia.

Em seu diálogo *A República* diz que “São as de Hesíodo, Homero e de outros poetas. Eles compuseram fábulas mentirosas que foram e continuam sendo contadas aos homens.”¹³

Depois ele explica o perigo dessas histórias mentirosas para os mais jovens, pois “O que antes e acima de tudo deve ser condenado, mormente quando a mentira não possui beleza”, ou seja quando é mau contada, ou seja, “Quando os deuses e os heróis são mal representados, como um pintor que pinta objetos sem nenhuma semelhança com os que pretendia representar”¹⁴.

Assim como Agostinho, Platão se preocupa com a grande exposição dos jovens a maus exemplos transmitidos pelos mitos narrados nas poesias, pois na tenra idade ainda são facilmente influenciados, sendo ainda imaturos para julgarem o que é certo e o que é errado¹⁵:

Pois uma criança não pode diferenciar uma alegoria do que não é, e as opiniões que recebe nessa idade tornam-se indelévels e inabaláveis. E devido a isso que se deve fazer todo o possível para que as primeiras fábulas que ela ouve sejam as mais belas e as mais adequadas a ensinar-lhe a virtude.

O primeiro a colocar a questão da presença da narração em termos teóricos foi o filósofo grego Platão.

Ele fez a distinção entre *mímesis* e *diegesis*, relacionando a primeira à representação direta, tal como aquela feita por atores atuando no papel dos personagens, e a segunda à representação indireta, mediada por alguém que conta.

Este alguém, necessário à mediação da história, ou seja, do mundo representado na *diegesis*, obterá séculos mais tarde o nome de narrador.

¹³ PLATÃO, II, 377, p. 77.

¹⁴ PLATÃO, II, 378, p. 77.

¹⁵ PLATÃO, II, 378, p. 78.

Platão relata então uma concepção dualista do mundo (inteligível/sensível) e o papel da imitação (mímesis) no contexto da poesia e da arte na República platônica, explorando os tipos de poesia.

Para entender as poéticas clássicas temos que voltar nos textos de Platão e Aristóteles, fundamentais para a compreensão da Teoria da Literatura Moderna.

A *República* é um diálogo no qual Sócrates e seus interlocutores buscam uma definição de justiça conforme seus conceitos de ética e política, para a constituição da polis perfeita, e no Livro X, desenvolve sua justificativa para banir a poesia da cidade¹⁶.

Platão condena os poetas a serem exilados para fora dessa República ideal, sendo suas ações nocivas a um Estado politicamente organizado.

Para Platão, o mundo se divide em dois mundos: mundo inteligível: ideias, formas, arquétipos e, mundo sensível: aparências, imitações (*phantásmata*), imitações das formas ideais (*mímesis*).

Dentro da teoria platônica, o mundo sensível é um mundo falso, pois tudo que se vê é mera ilusão daquilo que seria a verdade absoluta.

O mundo inteligível é a forma, a ideia (*eido*), coisas que só podem ser atingidas através do pensamento (*dianoia*), chegando às verdadeiras formas, onde está contido o verdadeiro conhecimento.

Por exemplo, o conhecimento da justiça e as leis gerais que organizam qualquer estado justo seria conhecer então a forma da justiça e a ideia de justiça. Também o verdadeiro conhecimento sobre cadeira não me é passado apenas conhecendo uma cadeira, pois é muito pouco sobre o que eu posso saber sobre conhecimento de cadeira universal, ou o princípio que organizaria a constituição de toda e qualquer cadeira.

As artes estão no nível da imitação, sendo então o poeta e o pintor meros imitadores, imitando o mundo sensível podendo assim facilmente enganar as pessoas mais simples e mais jovens:

Sendo assim, a imitação está longe da verdade e, se modela todos os objetos, é porque respeita apenas a uma pequena parte de cada um, a qual, por seu lado, não passa de uma sombra. Diremos, por exemplo, que o pintor nos representará um

¹⁶ COELHO, Leandro Anésio. A poesia no livro X da República de Platão. *“Existência e Arte”- Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei, Ano I, Número I, janeiro a dezembro de 2005. p. 1. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/1_Edicao/A%20poesia%20no%20livro%20X%20da%20republica%20de%20Platao%20Leandro%20Anesio%20Coelho.pdf>. Acesso em: 15 mai 2014.*

sapateiro, um carpinteiro ou qualquer outro artesão, sem ter o mínimo conhecimento do seu ofício. Contudo, se for bom pintor, tendo representado um carpinteiro e mostrando-o de longe, enganará as crianças e os homens tolos, porque terá dado à sua pintura a aparência de um carpinteiro autêntico.¹⁷

O poeta poderia exercer a mesma persuasão em seus espectadores, pois com sua narrativa, poderia compor poemas que não passassem de imitações e que não atingem a verdade, com isso poderiam facilmente enganar as pessoas com suas belas palavras, induzindo as pessoas à erros:

Tomemos como princípio que todos os poetas, a começar por Homero, são simples imitadores das aparências da virtude e dos outros assuntos de que tratam, mas que não atingem verdade.

[...]

Diremos também que o poeta aplica a cada arte cores adequadas, com as suas palavras e frases, de tal modo que, sem ser competente senão para imitar, junto daqueles que, como ele, só vêem as coisas segundo as palavras, passa por falar muito bem, quando fala, observando o ritmo, a métrica e a harmonia, quer de sapataria, quer de arte militar, quer de outra coisa qualquer, tal o encanto que esses ornamentos têm naturalmente e em si mesmos.¹⁸

A poesia é uma representação das coisas, representa as coisas falsas, fazendo a *mimesis* do mundo sensível, é imitação de imitação, logo não leva a nenhum conhecimento seguro.

Por isso, Platão condena a poesia em um estado perfeito, por imaginar um mundo de perfeição absoluta, não cabendo nada defeituoso e sensível, pois estas composições despertam e alimentam maldades da alma.

Aristóteles – discípulo de Platão – parte de um princípio absolutamente oposto, dizendo que não é possível haver segurança no conhecimento das formas inteligíveis, pois só podem ser conhecidas através do mundo sensível, que é um conhecimento justo e digno. E, condena Platão nessa tendência à abstração absoluta, esquecendo o conhecimento empírico, que vem de *emperia*, conhecimento adquirido.

Por isso, para Platão a poesia e as artes são formas inferiores e desprezíveis de conhecimento.

Considerações Finais

¹⁷ PLATÃO, X, 598, p. 385.

¹⁸ PLATÃO, X, 600, p. 389.

Os gêneros literários são divisões que auxiliam nos estudos da literatura e teoria da literatura, pois destaca um ou mais aspectos fundamentais das obras.

Na Antiguidade, os gêneros literários eram regidos por três princípios: normatividade (cada gênero tem sua própria regra de composição), hierarquia (há gêneros superiores, inferiores e equivalentes às ações humanas) e a pureza (não se admite combinar elementos de gêneros diferentes no mesmo texto), com isso, “hibridismo de formas é, nesta época, altamente condenável, o que deixará de ocorrer por volta do século XVIII-XIX, estendendo-se até nossos dias, passando a ser objeto de atenção, inquietação e estudos por parte de pesquisadores da área”¹⁹.

Santo Agostinho é formado nos padrões da cultura latina então vigente, aprende o latim desde a mais tenra infância, estuda o grego com pesar, e sofre os castigos que se aplicavam aos alunos quando estes se mostravam pouco aplicados, pois o processo de alfabetização pelo qual tem de passar é difícil.

No processo educacional em que Agostinho está inserido a memória exerce um papel fundamental, pois os alunos memorizavam episódios e grandes textos completos.

Sua base de formação é literária, onde a língua e a boa oratória são primordiais, utilizando livros clássicos como base, e nessa formação a cultura cristã era inexistente, porém a recebe de sua mãe Santa Mônica. Com isso, através de leituras, se encanta com a filosofia e nessa busca pela verdade vai se dedicar à Sagrada Escritura.

Apesar da formação literária que recebeu, Santo Agostinho tece críticas à literatura e ao teatro em várias passagens de suas obras.

Porém, sabe-se que ele não é o precursor dessas críticas, em Atenas do séc. V a. C., há tentativas de estabelecer certos limites à arte dos comediógrafos.

Platão fundamenta teorias sobre a poesia, e mostra que a arte poética é uma simples imitação, bastante afastada da realidade e que o poeta, servindo-se de belas palavras e de harmonia, tece fábulas mentirosas que podem facilmente induzir ao erro os ouvintes mais simples, as crianças e os jovens, tendo como principais alvos de suas críticas Homero e Hesíodo.

¹⁹ BASTAZIN, Vera. José Saramago: hibridismo e transformação dos gêneros literários. *Revista eletrônica de crítica e tória da literatura*, Dossiê: Saramago, n. 2, vol. 2, jul-dez 2006. Porto Alegre: UFRGS, 2006. p. 5. Disponível em: < file:///C:/Users/M%C3%B4nicaCordovil/Downloads/4881-15604-1-PB%20(2).pdf>. Acesso em: 16 mai 2014.

É exatamente isso que Santo Agostinho irá fazer muito tempo após Platão, também era apaixonado pela literatura, gostava muito dos espetáculos teatrais, jogos e competições.

Porém, as leituras filosóficas as quais começou a se dedicar mudaram sua concepção, e ainda mais após sua conversão. Com isso, ele passa a ver as contradições presentes em certas produções literárias e no teatro. Sua principal constatação é que as artes criam uma realidade virtual e falsa, que se torna uma espécie de fuga para os homens e os faz agir de modo contraditório e inapropriado.

Sua crítica vai bem além do teatro e da literatura, ele critica assim a própria educação, o sistema escolar e os valores sociais que estão em causa. Ele lamenta a educação que está voltada para aspectos formais da linguagem, ao mesmo tempo em que despreza questões morais importantes para a formação das crianças e dos jovens, pavimentando-lhes o caminho para o erro e o vício.

Referências

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad., pref., introd., com., apend. de Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966.

BASTAZIN, Vera. José Saramago: hibridismo e transformação dos gêneros literários. *Revista eletrônica de crítica e teoria da literatura*, Dossiê: Saramago, n. 2, vol. 2, jul-dez 2006. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/M%C3%B4nicaCordovil/Downloads/4881-15604-1-PB%20(2).pdf>. Acesso em: 16 mai 2014.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. 2ª ed. São Paulo: companhia das Letras, 2002.

COELHO, Leandro Anésio. A poesia no livro X da República de Platão. “*Existência e Arte*”- *Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei*, Ano I, Número I, janeiro a dezembro de 2005. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/1_Edicao/A%20poesia%20no%20livro%20X%20da%20república%20de%20Platao%20Leandro%20Anesio%20Coelho.pdf>. Acesso em: 15 mai 2014.

GUTHRIE, W. K. C. Os filósofos gregos. Trad. Maria José V. Pinto. Lisboa: Presença, 1987.

NATRIELLI, Adriana. A crítica do discurso poético na República de Platão. In: MARTINS, R. A.; MARTINS, L. A. C. P.; SILVA, C. C.; FERREIR, J. M. H. (eds.). *Filosofia e história da ciência no Cone Sul: 3. Encontro*. Campinas: AFHIC, 2004. Pp. 8 – 11. (ISBN 85-904198-1-9)

PLATÃO, A República. 7ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

PLATÃO. *A República*. Disponível em: <http://www.eniopadilha.com.br/documentos/Platao_A_Republica.pdf>. Acesso em: 01 mai 2014.

SANTO AGOSTINHO. *A Cidade de Deus* (Contra os pagãos). Partes I e II. 2a ed. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes, 1990.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

SANTO AGOSTINHO. *Solilóquios, A vida feliz*. 4a edição. São Paulo: Paulus, 2010.

SUSIN, André Luís. *Mimesis e a tragédia em Platão e Aristóteles*. Dissertação de mestrado no programa de Pós-graduação em filosofia. Porto Alegre: UFRGS, 2010.